

COLEÇÃO OUTRAS – PALAVRAS
VOLUME 4

Carolina Maria
de Jesus:
literatura e cidade
em dissenso

FERNANDA R. MIRANDA

Carolina Maria
de Jesus:
literatura e cidade
em dissenso

FERNANDA R. MIRANDA

MUITAS “TURAS”

Em visita recente à Escola da Cidade, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha lembrou aos presentes que a arquitetura é um saber solicitante. Seu discurso evocava fortemente uma fórmula feliz, encontrada há certo tempo por Bernard Tschumi para exprimir semelhante ideia por meio de um jogo de palavras. “A arquitetura”, dissera Tschumi, “não a vejo como conhecimento da forma, mas sim como forma de conhecimento”¹. Uma forma de conhecimento do mundo que, por sua natureza, exige o recurso permanente a saberes e domínios que ingenuamente podemos tratar como “extra-arquitetônicos”, mas que, na verdade, não o são. O saber solicitante a que se refere Paulo Mendes é esse espinhoso terreno em que se concentram as mais delicadas sínteses. São sínteses tênues, mas inevitáveis para o exercício de uma profissão cujo escopo é o manejo do cotidiano em si, em suas formas mais complexas, isto é, coletivas e imaginárias.

Essa ideia, por mais contemporânea que seja, representa a afirmação pura e simples de alguns fundamentos filosóficos e epistemológicos, mais do que antigos, ancestrais. Vitruvius já tratava dessas solicitações

1. Tschumi, Bernard (2008). “L’architecture n’est pas une connaissance de la forme mais une forme de connaissance”, in: Lengereau, Éric (org). *Architecture et construction des savoirs*. Paris: Recherches, 2008, p. 212.

ao lembrar seus leitores – com o dedo vertical da norma culta – que a “ciência do arquiteto é ornada de vários saberes e muitas disciplinas”². Muito embora ancorasse o argumento numa apologia da razão prática – que a alta modernidade tratou de complicar –, Vitruvius enunciou e inseriu tais disciplinas num conjunto coerente de deveres formativos e cognitivos aos quais nos mantemos ligados. Isto é, parafraseando e tencionando o romano, sabe-se que o arquiteto hoje deve buscar e construir-se em uma quase infinidade de perspectivas, prestando inclusive atenção a chamados que não têm relação evidente de utilidade com a prática projetual, mas se revelam capazes de lhe garantir a decantação de uma consciência armada, aberta e alerta, permitindo-lhe interpretar forças enigmáticas e intrigantes tanto da natureza quanto da cultura. São saberes que permitem honrar o conselho vivo de Drummond aos jovens, num momento em que o mundo parecia debruçado sobre o abismo da tecnologia embestada: “Inventem olhos novos ou novas maneiras de olhar para merecerem o espetáculo novo de que estão participando”³. Como inventar esses olhos sem a franca disposição de reconhecer as limitações do estudo disciplinar ou departamentalizado?

2. Vitruvius (c. I a.C.). *Tratado de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 61.

3. Drummond de Andrade, Carlos (1944). “Prefácio para Confissões de Minas”. in: *Obra completa em um volume*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964, p. 506.

São questões desse tipo que esta iniciativa editorial procura enfrentar ou, no mínimo, tangenciar. As “outras palavras” às quais nos referimos são as múltiplas palavras que sempre tiveram espaço na Escola da Cidade, desde a sua fundação, preocupada que é essa escola com a sólida e ampla formação humanista de seus estudantes, professores e colaboradores. Noutras palavras, são também as outras “turas” de que fala Cortázar, na alta intensidade de seu fraseado dançante, no jogo tramado de seus cacós significativos:

A nossa verdade possível tem de ser invenção, ou seja, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas as turas deste mundo. Os valores, turas, a santidade, uma tura, a sociedade, uma tura, o amor, pura tura, a beleza, tura das turas.⁴

Juntar essas pontas é uma utopia? Esperamos que “turas” e leituras multipliquem-se no tempo, nas mãos e no pensamento de nossos leitores. Por isso, trazemos a público esses livros, essas reflexões recolhidas.

José Guilherme Pereira Leite

Professor da Escola da Cidade

Coordenador do Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea

4. Cortázar, Julio (1963). *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 443.



SUMÁRIO

- 08 Conceitos
- 16 A cidade e seus discursos – contexto da voz
- 28 Favela: quarto de despejo da cidade & da palavra
- 37 A literatura como território de pertencimento
- 45 Territórios da voz periférica: heranças e pertencimentos do presente
- 62 Referências bibliográficas
- 66 Sobre a autora

FOTO DA PÁGINA ANTERIOR:
Acervo iconográfico do Jornal *Última Hora*
Arquivo Público do Estado de São Paulo



FOTO: Acervo iconográfico do Jornal *Última Hora*
Arquivo Público do Estado de São Paulo

CONCEITOS

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra brasileira nascida na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, no primeiro decênio do século XX, em 1914. Poeta, prosadora, dramaturga, memorialista, compositora, cantora, cronista. Fez escrita de si através de linhas dissonantes. Em uma sintaxe que espelha os desconcertos do mundo, escreveu a cidade: seus dissensos e suas faíscas.

Sua mãe nasceu durante a época em que regia no Brasil a Lei do Ventre Livre; já seu avô, um cabinda por ela apelidado “Sócrates Africano”, fora escravizado e lhe contou muitas histórias sobre a escravidão. A escravidão negra – base social, econômica e política do Brasil durante séculos – havia sido abolida na letra da lei há exatos vinte e seis anos quando Carolina veio ao mundo. “Em Sacramento, chamavam a casa de senzala, mas a escravidão acabara há tanto tempo que ninguém podia falar dela com autoridade” (SANTOS, 2009: 11).

Chegou a São Paulo acompanhando uma família que a contratara para serviços domésticos, num período em que essa cidade era o destino privilegiado dos migrantes de todo o país. Mas Carolina nunca se adaptou às regras do trabalho doméstico, considerado por ela semicolonial, e logo abriu mão de tal ocupação, pois era “muito independente para passar a vida limpando as bagunças alheias”.

[Foi] faxineira de hotel, vendedora de cerveja, cozinheira, passadeira, arrumadeira, lavadeira. Trabalhou para famílias ricas de advogados, médicos, juizes, políticos, dentistas. Lavou chão e pratos em restaurantes. Tomou conta de crianças. Quando aparecia um circo, apresentava-se como artista, cantora, declamadora, dançarina, malabarista, o que viesse...

(CASTRO & MACHADO, 2007: 28).

Por fim, tornou-se catadora, função que lhe dava pouquíssimo dinheiro, mas a autonomia de caminhar pelas ruas da cidade: “Dei-me bem catando papel porque estou sempre andando” (JESUS, 1996: 84), ela dizia. Essa atividade lhe garantia ainda o suporte da escrita, pois era no descarte que ela recolhia cadernos para escrever. Mas era um trabalho pesado, desgastante. Para desempenhá-lo, Carolina acessava um de seus lugares seguros: a ficção. “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: faz de conta que eu estou sonhando” (JESUS, 1960: 30).

Na pauliceia desigual, morou em cortiços, em pensões, embaixo de viadutos, em albergues. Depois, não encontrou alternativa senão a Canindé, uma favela situada às margens do rio Tietê – nessa época de águas ainda cristalinas, nas quais as mulheres lavavam roupas e as crianças nadavam. A favela do Canindé, onde

Carolina residiu, era povoada principalmente por migrantes que começaram a chegar à cidade da indústria, que prometia oportunidades de trabalho para todos. Na transição da década de 1940 para a de 1950, estimava-se que 50 mil pessoas vivessem em um total de sete favelas espalhadas pela cidade. Para estabelecer uma comparação, o Rio de Janeiro, no mesmo período, bem menos industrializado que São Paulo, possuía duzentas favelas habitadas por pelo menos 337 mil moradores (MEIHY & LEVINE, 1994: 49)

Em 1948, Carolina Maria de Jesus construiu com as próprias mãos, à beira do oitavo mês de gravidez, obarraco que iria abrigar junto ao seu primogênito e aos dois filhos que viriam mais tarde.

Para ter “um teto todo seu”¹, precisou carregar tábuas na cabeça, sem qualquer ajuda, sem nenhum respaldo. Os vizinhos, observando seu esforço, murmuravam: “Ela é sozinha. Deve ser alguma vagabunda”. Comentários preconceituosos que Carolina Maria de Jesus conhecia muito bem, pois integra(va)m a ordem social historicamente racista e sexista que oprime as mulheres negras.

1 No começo do século XX, Virginia Woolf discutia as dificuldades em ser escritora em *Um teto todo seu*, célebre ensaio de 1929, em que a romancista inglesa reclama as barreiras para a mulher que escreve às condições sociais desiguais, expressas na divisão sexista das atividades domésticas, na falta de tempo e espaço para o cultivo da privacidade e da independência feminina e, conseqüentemente, de seu trabalho intelectual.

É crença generalizada que as pretas do Brasil são vagabundas. Mas eu nunca impressionei-me com o que pensam ao meu respeito. Quando os engraçadinhos quiseram dizer-me graças, eu disse: – Eu sou poetisa. Peço respeitar-me mais um pouco. (JESUS, 2014: 26).

Um teto seguro – em termos de matéria, em termos de metáfora – para sob ele se abrigar e escrever foi uma reivindicação para Carolina Maria de Jesus.

Sonhou ser atriz e desejou representar a própria história no teatro.² Gostava de bailes, altaneira. Certa vez, fabricou para si uma fantasia toda feita de penas de galinha para pular carnaval. Feita a fantasia para o corpo, não espantaria se alguém sugerisse que se estava costurando também uma metáfora para a escritora: capturando na penosa a imagem da tecnologia das asas de uma ave que não domina a engrenagem do voo. Mas, se a fantasia coube no corpo, seguramente a metáfora jamais caberia na escritora, pois Carolina Maria de

2. No ano seguinte ao lançamento de *Quarto de Despejo*, 1961, Carolina Maria de Jesus teve seu livro adaptado para o teatro. A peça “*Quarto de despejo*” estreou no dia 27 de abril de 1961, no Teatro Bela Vista, em São Paulo. O espetáculo foi dirigido por Amir Haddad e a adaptação para o palco foi feita por Edy Lima. A cenografia esteve a cargo de Cyro del Nero e Nydia Licia foi responsável pela produção. O elenco contou com cerca de quarenta atores. Ruth de Souza representou Carolina.

Jesus, sabendo ou não os códigos dessas engrenagens, voava alto – e até hoje dá rasante. Hoje, ela tem pouso certo no território de muitos corações e pensamentos, pois conta com um público leitor atento e sensível à potência de sua escrita.

A escritora viajou para fora do país para falar de seu trabalho e sua obra viaja por muitos países do mundo, em muitas traduções. Sua obra, em suma, demarca um momento único para o século XX. A experiência da escrita gestando um texto que tece a escrita da experiência. Grafias de uma mulher negra, migrante, que foi moradora do interior rural, moradora de favela, moradora de bairro da elite paulistana, mãe de três, senhora de si e dona de palavras marcadas a ferro e fogo: “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incictrizáveis” (JESUS, 1960: 49).

Seu primeiro livro publicado foi um marco no mercado editorial nacional: já nos três primeiros dias após o lançamento foram vendidos 10 mil exemplares. Na tarde de autógrafos 600 exemplares. A primeira tiragem, que inicialmente seria de 3 mil livros, passou a 30 mil, esgotada em três meses em São Paulo. As traduções de *Quarto de despejo* começaram a circular menos de um ano depois de seu lançamento no Brasil, em edições produzidas na Dinamarca, na Holanda e na Argentina (1961); na França, na Alemanha (Occidental

Este texto foi produzido a partir de um debate entre
Fernanda R. Miranda e Gabriela Leandro Pereira no dia
23 de maio de 2017, na aula de Fundamentos Socio-
econômicos do professor Pedro Lopes na Escola da Cidade
e contou com a mediação do estudante Arthur Santoro.

autora FERNANDA R. MIRANDA
texto de apresentação JOSÉ GUILHERME PEREIRA LEITE
revisão THAIS RIMKUS
projeto gráfico TRÊS DESIGN
diagramação EDITORA ESCOLA DA CIDADE
desenho da capa DÉBORA FILIPPINI
agradecimentos ARTHUR SANTORO, CARLOS ALBERTO
MOREIRA DE SOUZA, VANDERLEI YUIB.

COLEÇÃO OUTRAS PALAVRAS
coordenação JOSÉ GUILHERME PEREIRA LEITE E
FABIO VALENTIM

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Rua General Jardim, 65 - Vila Buarque
01223-011 São Paulo SP
T +55 11 3258 8108
escoladacidade@escoladacidade.edu.br

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE
presidência ALVARO LUÍS PUNTONI, FERNANDO FELIPPE
VIÉGAS E MARTA MOREIRA

CONSELHO ESCOLA
diretoria CRISTIANE MUNIZ E MAIRA RIOS

CONSELHO CIENTÍFICO
diretoria ANÁLIA M. M. DE C. AMORIM E MARIANNA
BOGHOSIAN AL ASSAL

CONSELHO TÉCNICO
diretoria GUILHERME PAOLIELLO

CONSELHO HUMANIDADES
diretoria CIRO PIRONDI

CONSELHO SOCIAL
diretoria ANDERSON FABIANO FREITAS

EDITORA ESCOLA DA CIDADE
coordenação FABIO VALENTIM
MARINA RAGO MOREIRA, THAIS ALBUQUERQUE,
ALEXANDRE BASSANI E RICARDO KALIL

NÚCLEO DE DESIGN
coordenação CELSO LONGO E DANIEL TRENCH
DÉBORA FILIPPINI, BEATRIZ OLIVEIRA E GABRIEL DUTRA

MEIOS DIGITAIS E AUDIOVISUAL
coordenação ALEXANDRE BENOIT
coordenação baú CLARISSA MOHANY
FERNANDA TEIXEIRA, LUISA MARINHO E LÚMINA KIKUCHI



FERNANDA R. MIRANDA

O impacto que *Quarto de despejo* tem causado ressalta as dificuldades inerentes ao processo de reconhecimento de autores e obras situados à margem da dinâmica habitual de circulação de discursos literários. No caso de Carolina Maria de Jesus, a crítica atentou principalmente para as incorreções gramaticais de sua narrativa, reduzindo seu valor devido às rupturas com a norma culta da língua e, ao mesmo tempo, condicionando o valor do texto ao testemunho e ao documento e, conseqüentemente, às condições sociais – de gênero, de classe, de raça – da autora.

editora

**escola
da cidade**